

04

Contar-criar: pesquisa e testemunho sobre fotografia, meditação e educação em saúde

Yuri Bittar
Universidade Federal de São Paulo
yuribittar@gmail.com| [LATTES](#)

Flavia Liberman
Universidade Federal de São Paulo
f.liberman@unifesp.br| [LATTES](#)

Dante Marcello Claramonte Gallian
Universidade Federal de São Paulo
dante.marcello@unifesp.br| [LATTES](#)

Recebido em: 19/02/2021
Aprovado em: 20/12/2023

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178182023272>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

Contar-criar: pesquisa e testemunho sobre fotografia, meditação e educação em saúde

O presente artigo aborda a aproximação entre arte, educação e pesquisa e está inserido em projeto em andamento, o Laboratório do Olhar, cujo escopo é o uso da fotografia contemplativa na formação no ensino superior em saúde, uma ação em uma universidade pública oferecida a graduandos e pós-graduandos em forma de disciplina. O objetivo é apresentar e discutir um percurso metodológico inédito, e sua relevância para o campo da educação e para pesquisas qualitativas. Como método iremos mostrar a aplicação da entrevista-ensaio fotográfico, também chamada de contar-criar, que parte da entrevista de história oral de vida em composição com um ensaio fotográfico e o conceito de objetos biográficos, para formar uma entrevista que também é criação artística e relacioná-la aos conceitos referenciais. A análise da primeira entrevista realizada fez emergir diversos temas interessantes no escopo do projeto, nos permitiu descobrir características relevantes da entrevistada, além de constatar como efetiva a participação desta também como elemento criador da pesquisa. Acreditamos que esta proposta, unindo entrevista e fotografia, em uma profunda conexão entre pesquisador e colaborador, ao colocar “alma, olho e mão” para trabalhar na mesma criação, potencializa a capacidade narrativa, abrindo, assim, uma grande janela para a experiência humana.

Palavras-chave: história oral de vida; ensaio fotográfico; fotografia contemplativa; mindfulness.

Telling-creating: research and testimony on photography, meditation and health education

This article addresses the approximation between art, education and research and is part of an project, the Laboratório do Olhar, whose scope is the use of contemplative photography in training in higher education in health in a public university, offered as discipline to undergraduate and graduate students. The objective is to present and discuss an unprecedented methodological path, and its relevance for the field of education and for qualitative research. As a method, we will show the application of the interview-photographic essay, also called tell-create, which starts from the oral history of life interview in composition with a photographic essay and the concept of biographical objects, to form an interview that is also an artistic creation and relate it to referential concepts. The analysis of the first interview revealed several interesting themes, allowed us to discover relevant characteristics of the interviewee and to verifying how effective her participation was also as a creative element in the research. We believe that this proposal, combining interview and photography, in a deep connection between researcher and collaborator, by putting "soul, eye and hand" to work on the same creation, enhances the narrative capacity, opening a large window to the human experience.

Keywords: oral life history; photo essay; portrait; contemplative photography; mindfulness .

Introdução

“A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar”. (BENJAMIN, 1994, p. 220).

“E acho que esse olhar contemplativo virou parte de mim, mesmo quando não estou fotografando, por onde ando eu fotografo com a alma”. (NICOLLE, 2017).

Este artigo pretende apresentar e discutir um percurso metodológico resultante de uma pesquisa em andamento que envolve a História Oral de Vida e a realização de uma entrevista em composição com a produção de um ensaio fotográfico, propondo uma aproximação entre arte e pesquisa, dentro do campo da educação em saúde. Essa metodologia de pesquisa visa também ser parte de um dos objetivos da pesquisa, que busca proporcionar uma atividade humanizadora e promotora de qualidade de vida dentro do campo da formação em saúde.

Para explorar e entender o potencial deste percurso metodológico optamos por analisar uma das entrevistas¹ realizadas. Caminhar, olhar, contemplar e fotografar não são apenas elementos da fala de nossa colaboradora, Nicolle², citada na abertura deste artigo, mas são fatores constitutivos da pesquisa.

Assim, pretendemos desenvolver uma discussão sobre a relevância da metodologia de pesquisa escolhida, tanto para o campo da educação quanto para as pesquisas qualitativas em saúde, e especialmente para refletir sobre a inserção da arte no ensino em saúde, e como essa entrevista-ensaio fotográfico, termo utilizado para descrever o produto desta metodologia, contribui ou não para a pesquisa na qual se insere.

Nossa principal pergunta, e que nos levou a realizar uma pesquisa a partir dos acontecimentos experimentados na disciplina Laboratório do Olhar, poderia ser assim formulada: como uma metodologia de entrevista e pesquisa, que tenha o contemplar e o fotografar como elementos estruturantes, pode contribuir com a humanização, com a qualidade de vida e com a formação em saúde dos alunos participantes desta disciplina?

A entrevista analisada no presente artigo foi realizada em julho de 2017, com uma aluna de medicina participante da disciplina Laboratório do Olhar (LabOlhar), no período de agosto a outubro de 2016, e que integra a pesquisa de doutorado intitulada *Laboratório do*

¹ Foram realizadas até o momento 10 entrevistas, com estudantes de graduação e pós-graduação que participaram do curso.

² Nome real, porém o sobrenome foi omitido.

Olhar: a fotografia contemplativa como experiência em humanização em saúde, atualmente em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp - campus Baixada Santista). Para isso, propõe uma disciplina, o LabOlhar, oferecida pelo Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi-Unifesp), buscando introduzir o aluno na prática da fotografia contemplativa, uma atividade que une fotografia e meditação, com o objetivo de obter mais qualidade de vida para si mesmo e para seus futuros pacientes.

A pesquisa *O Laboratório do Olhar: a fotografia contemplativa como experiência em humanização em saúde*, objetiva, a partir de uma ação, experimentar o potencial humanizador da fotografia contemplativa, discutir as ressonâncias das tarefas e exercícios realizados durante a disciplina, bem como discutir como estes contribuem para a formação dos alunos, identificando quais conhecimentos e memórias permanecem. Aqui, estende-se como potencial humanizador a melhora da qualidade de vida e a “ampliação da esfera do ser”, uma busca por sentir, pensar e agir mais humanos, através das humanidades e das experiências estético-reflexivas (GALLIAN; PONDÉ; RUIZ, 2012).

A Fotografia Contemplativa (também chamada de Miksang, Mindfulphoto ou fotografia meditativa) pode ser entendida como um estado mental aberto, curioso, desprovido de julgamento, concentrado em apenas ver. Antes que uma técnica de fotografia, é uma forma de ver o mundo e de viver. É a experiência visual direta, não conceitual, ou seja, a pura percepção. Trata-se de uma prática ligada à meditação que, buscando ver sem preconceitos, fórmulas, definições, ansiedades, objetivos, busca trazer nossa visão e atenção para o presente, para o dia a dia, para o real, abrindo nossos olhos e permitindo ver o novo no cotidiano, ver beleza e criar arte. A proposta é trazer a arte para a vida cotidiana e a vida cotidiana para a arte, entendendo que as boas imagens não estão no raro e no inusitado, ou mesmo no diferente, mas em tudo.

A prática em si mesma consiste de três partes, ou estados. Primeiro aprendemos a reconhecer vislumbres de ver e do estado contemplativo da mente que ocorrem naturalmente. Em seguida estabilizamos essa ligação olhando mais profundamente. Finalmente fotografamos do interior desse estado da mente. (KARR; WOOD, 2011, p. 42, tradução nossa).

Ao contrário de outros tipos de fotografia, a fotografia contemplativa não se define pelo resultado, e sim pelo processo, pelo fazer, estando dentro do espectro das práticas de *mind-*

fulness, que já tem um potencial amplamente explorado de “melhorar o manejo de situações estressantes no dia a dia de trabalho” (DEMARZO; GARCIA-CAMPAYO, 2017, p. 28).

A busca pelo não julgar, por experimentar o momento, quando aplicados em sala de aula, conferem a essa prática não apenas um caráter inovador, mas também relevância na formação dos estudantes da área da saúde, pois os benefícios do *mindfulness* já foram demonstrados, tratando-se de iniciativa de baixo custo e eficiente em relação às capacidades mentais, estado físico e emocional, “é um processo transformador no qual a pessoa desenvolve uma habilidade aumentada de experiência de estar presente com aceitação e atenção” (BARRETO; FERREIRA; CORREIA, 2019, p. 44).

A disciplina Laborhar

No decurso da pesquisa, foram entrevistados, até o momento, dez estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da área da saúde da Universidade Federal de São Paulo, Campus São Paulo, todos participantes da disciplina Laboratório do Olhar. Do total de estudantes entrevistados, 8 são mulheres e 2 são homens. Do total de integrantes, 8 são estudantes de graduação e 2 são estudantes de pós-graduação, atuando também como profissionais em saúde, ambos psicólogos, com aproximadamente 45 anos de idade; e 8 cursam a graduação, sendo 3 estudantes de medicina, 3 de enfermagem e 2 de fonoaudiologia, todos entre 20 e 24 anos de idade. No primeiro semestre de 2020 será realizado um segundo LabOlhar na Universidade Federal de São Paulo, desta vez no campus Baixada Santista, também com estudantes da área da saúde, tanto de graduação quanto de pós-graduação, e com alguns profissionais em saúde atuantes no sistema público, agregando novos elementos à análise já em andamento. Para este artigo, optamos por considerar apenas uma das entrevistas-ensaio realizadas, no caso a primeira, de Nicolle.

As atividades se iniciam com uma aula expositiva para apresentação dos conceitos. A segunda aula é prática, momento em que vamos à campo experimentar a fotografia contemplativa. Em seguida, temos as aulas de discussão das fotos feitas pelos alunos, onde aplicamos o formato do Laboratório de Humanidades (Bittar; Sousa; Gallian, 2011). Nesse momento, cada aluno apresenta de duas a três fotos de sua autoria, feitas durante a atividade prática ou não, mas conforme a metodologia da fotografia contemplativa. A partir de cada foto, formamos um pequeno ciclo de discussão dividido em três momentos importantes de serem destacados:



A) Luz na memória: apresentada a foto, cada pessoa do grupo é convidada a falar o que pensa ou sente em relação a ele, o que vier à cabeça, sem críticas. Não discutimos se a foto é ou não contemplativa, mas tentamos apenas explorar ao máximo o que ela pode suscitar, qual é, para cada um, o “*punctum*” (BARTHES, 1984), conceito que explicaremos melhor mais adiante.

B) Caminhada fotográfica: a partir das falas iniciais, o coordenador propõe um itinerário como forma de aprofundar alguns dos temas que emergiram, possivelmente direcionando para questões relacionadas à área da saúde, à vida universitária, ou simplesmente a condição humana.

C) Retrato revelado: é o momento final de cada foto/ciclo, quando o autor da foto finalmente fala sobre esta, sobre o que o motivou, como foi fazê-la, e sobretudo o que sentiu a respeito dos comentários feitos pelos demais.

Na última aula da disciplina, momento em que todos são convidados a relatar a própria experiência no curso, incluindo acontecimentos exteriores à sala de aula, mas com alguma relação. Essa fala é opcional, mas normalmente todos acabam trazendo algo, pois é a oportunidade de colocar em palavras as sensações vivenciadas até então.

Todas as atividades também são permeadas por exercícios de meditação e mindfulness, especialmente no início e final de cada aula.

História oral, objetos biográficos arte e fotografia

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem metodológica da história oral de vida em composição com uma entrevista-ensaio fotográfico. Denominamos esta metodologia de *entrevista-ensaio fotográfico*, sendo constituída por três elementos chaves: a entrevista, os objetos biográficos e o ensaio fotográfico. A seguir serão explicitados e como se articulam estes vetores.

A história oral de vida

A escolha da história oral advém de esta ser “sempre uma história do ‘tempo presente’ e também conhecida como ‘história viva’, uma ferramenta moderna, que elabora seus próprios documentos referentes à experiência social de pessoas e grupos.” (BOM MEIHY, 2005, p. 17). A história oral preenche lacunas que ajudam a dar sentido às experiências sociais, um sentido

ditado pelas próprias pessoas que delas participaram, trazendo seus dilemas e valores, estando profundamente ligada à consciência de cidadania, dado o nível de participação dos sujeitos, e ainda mais por seu caráter de domínio público, uma vez que normalmente as entrevistas são de acesso livre (BOM MEIHY, 2005, p. 24).

Mais especificamente, a história oral de vida é uma “narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (BOM MEIHY, 2005, p. 147), sua força está em sua subjetividade, em poder mostrar a experiência de forma ampla. Nesta metodologia, as entrevistas são transformadas, ou melhor, transcritas, processo que objetiva transpor o discurso falado para o escrito, buscando garantir seu sentido, o que permite intervenções do pesquisador, como inclusão de algo não dito em palavras (um choro, risada, um gesto) para que o entrevistado mesmo possa reconhecer sua fala (BOM MEIHY, 2005). Esse texto é, posteriormente, devolvido para o entrevistado reconhecê-lo como seu, por isso o entrevistado é chamado de colaborador e não sujeito. O resultado é um texto escrito em coautoria, legitimado pela aprovação.

Os objetos biográficos

Os objetos biográficos são um recurso utilizado frequentemente na História. Normalmente, são objetos que o colaborador pode trazer para a entrevista e que ajudam a reavivar a memória, “seja porque estiveram presentes em momentos importantes de sua vida ou porque foram eleitos por identificações posteriores que possuem um sentido subjetivo” (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p.103). Com seu valor e significado cultural específicos, objetos biográficos resguardam lembranças que poderiam desaparecer (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007). Evidentemente, o objeto não conta diversos detalhes, mas, por outro lado, possibilita o surgimento de uma imagem concreta.

Figura 1 – A colaboradora e alguns dos seus objetos biográficos.



Fonte: arquivo do pesquisador. Foto: Pesquisador.

Em uma sociedade que sofre constantes e rápidas mudanças, onde os objetos são muitas vezes descartáveis, os objetos biográficos podem ganhar maior relevância, por proporcionarem a sensação de pertencimento a uma comunidade, “um lugar cálido, confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2003, p. 7).

Assim, se esses objetos ajudam a construir uma memória visual, até mesmo uma performance, vislumbramos uma forte ponte entre oralidade e imagem, no caso a fotografia, aspecto que vai de encontro ao nosso anseio de que a entrevista poderia e deveria ser, de alguma forma, continuação da prática exercitada no Laboratório do Olhar, objeto da pesquisa, tendo a fotografia como elemento estruturante. Mas como faríamos isso?

O uso da fotografia na história oral é comum, e tem várias facetas. Exemplo disso é a dissertação de Moraes (2019) sobre pescadores artesanais, uma pesquisa muito bonita, repleta de fotografias, que ajudam a criar um mundo visual potente para quem não conhece a vida simples destas pessoas, oferecendo um retrato das pessoas e lugares, porém com um caráter predominantemente ilustrativo ou complementar, ainda que, ao final da pesquisa, tenha sido realizado um ensaio fotográfico e uma exposição na comunidade, dando para a comunidade um incrível retorno.

Já em outra pesquisa (NOGUEIRA, 2018), as fotos proveem de várias fontes: do arquivo pessoal dos entrevistados, da prefeitura, e tiradas pelas pesquisadoras. A necessidade dessas imagens foi justificada pelas pesquisadoras como meio de entender os costumes e a cultura de um grupo, assim como a participação de determinadas mulheres nessa sociedade.

Às vezes uma ou mais fotografias surgem como objetos biográficos, sem, no entanto, aparecerem na publicação. É o caso do artigo de Seawright (2017), onde uma fotografia é usada para rememorar e, a partir desta imagem-objeto, a narradora, uma indígena, conta sobre um grupo religioso que funcionou em sua casa, mas "em razão de ainda nutrir medo das consequências de uma eventual publicação da imagem", não autorizou que a fotografia fosse usada na pesquisa (SEAWRIGHT, 2017, p. 290).

Arte e educação

É importante destacar que tratamos a fotografia como arte, “a mais simples forma de arte”, mas que na sua simplicidade depende do olho, da mente e do coração. (KARR, WOOD, 2011, Prefácio). Mas também a tratamos como ferramenta de pesquisa, sem deixar de ser arte.

Na proposta do Laboratório do Olhar está introduzir os alunos em práticas humanizadoras, tanto no sentido de uma formação humanista, tendo a fotografia como arte, mas também que o curso seja humanizador em si mesmo, trazendo algum ganho de qualidade de vida a esses participantes, estudantes na saúde.

Para Charon as artes e humanidades são “a base desse movimento para conhecer nossos pacientes. (CHARON, SHIP, ASCH, 2020). Pois a capacidade de narrar é essencial para a formação pessoal e mais ainda para a profissional, o “conhecimento narrativo de como as histórias funcionam é essencial para os clínicos que devem interpretar os relatos complexos de doenças dos pacientes.” (CHARON, SHIP, ASCH, 2020).

As humanidades, dentro destas as artes, e neste caso a fotografia, pode ter potencial de quebra de rotina no ambiente estudantil, oportunidade de expressão para os alunos, de serem ouvidos, e se tornarem sujeitos na produção de conhecimento sobre a realidade (ZAN, 2010). Desta forma, um curso que pretenda ser humanizador e promover qualidade de vida pode explorar esse sentido da aplicação da arte na educação. Acreditamos que nas falas de

Nicolle podemos perceber a menção a um efeito semelhante a isso, com a arte da fotografia contemplativa tendo um papel de promotora de qualidade de vida, sendo algo que a deixa mais leve ou calma, ou que cria momentos felizes.

O ensaio fotográfico

A união entre ensaio fotográfico e entrevista não é algo novo; na verdade, acontece desde o início do século XX, ganhando popularidade com as revistas (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 166), mas normalmente esta era uma relação de complementaridade. O ensaio fotográfico, assim como a entrevista, geralmente tem como objetivo contar uma história, que pode ou não ser complementada por um texto escrito:

É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador. (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 171).

É importante ainda pontuar que o ensaio fotográfico, via de regra, insere-se dentro de um projeto, aliás como a história oral de vida (BOM MEIHY, 2005, p. 19). Frequentemente, há, no ensaio fotográfico, uma busca por coesão, por demonstrar uma intenção, um resultado proposital, no sentido de que o “ensaio fotográfico também deve transmitir uma mensagem que leve a novas reflexões e tem a obrigação de ser denso e de carregar informações, ainda que sensoriais e subjetivas.” (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 173).

O ensaio fotográfico, portanto, é “um texto imagético, temático, configurado a partir das experiências próprias do autor” (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 173) ou, no caso de nossa pesquisa, as experiências do fotografado, podendo ainda “conter preocupações do autor em ser um documento sobre o tema, tratando-o com objetividade de informações, contudo com ampla liberdade de expressão e interpretação dos conteúdos trabalhados, inclusive respeitando a própria subjetividade.” (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 173).

Contar-criar: a entrevista-ensaio fotográfico

Do ponto de vista da captação de narrativas, a história oral de vida, os objetos biográficos e o ensaio fotográfico são ferramentas diversas e que comportam diferentes potencialidades. Assim, compô-las em uma única metodologia potencializa a construção de uma experiência-pesquisa, aspecto sobre o qual nos deteremos em seguida.

Tradicionalmente, a fotografia tem sido vista como fonte de informações do passado, implicando-se em pesquisas cuja qualidade depende de uma boa seleção de fotos e de fotógrafos relevantes como forma de compreender uma época ou processo (KOSSOY, 2014, p. 60-64), ou seja, uma pesquisa que tem no pesquisador uma espécie de curador. A própria relação da fotografia com a oralidade, na área da história ou mesmo de estudos que usam a fotografia em outras áreas, geralmente é vista como complementar (KOSSOY, 2014, p. 77), ou seja, textos (ou fala) e fotografia serviriam para preencher as lacunas deixadas tanto por um quanto pela outra.

Enquanto o texto, pelo menos tradicionalmente, traz uma narrativa linear e explicativa, a fotografia como narrativa possibilita, muitas vezes, um caminho não linear, um despertar de ideias que não necessariamente esclarecem, mas na verdade provocam: “A narrativa visual fotográfica construída no campo da pesquisa não é uma história fictícia, embora dela possam surgir diversas narrações com significados diferentes, devido às formas de perceber diferentes” (NOBRE, 2013, p. 75).

A narrativa fotográfica também pode ser oportunidade de reflexo, permitindo que o observador veja nela algo de si mesmo:

Ao examinar uma mensagem fotográfica, o interpretante está construindo mais um entendimento a respeito de si mesmo e do outro, de suas formas de agir, viver, relacionar-se, de suas práticas, olhando para a fotografia como uma das portas de penetração em um cotidiano social que não é o dele ou como uma estrada por onde ele pode voltar para refazer e reconhecer o seu percurso social. (NOBRE, 2013, p. 75).

Sabemos que a fotografia tem enorme importância na sociedade atual e, ao mesmo tempo, por ser tão presente, se torna banal. Esquece-se que a fotografia tem um enorme potencial não apenas no sentido de mostrar a realidade, mas de criar uma outra realidade. Como assinala Sontag (1981, p. 172), “A fotografia não reproduz simplesmente o real, recicla-o [...] a força da imagem fotográfica origina-se no fato de serem elas, realidades materiais por direito próprio, depósitos ricos em informação deixados no rastro da coisa que as emitiu”.

Segundo Kossoy (2014) a fotografia contém em si o binômio testemunho/criação, percebemos aí um paralelo com a história oral, que é um testemunho, mas também a criação de uma narrativa. Esse ponto é muito importante para nós, uma vez que tanto a fotografia como a história oral podem, apesar de não necessariamente, apresentar a mesma característica: contar algo que aconteceu e ao mesmo criar algo novo, a própria narrativa. Propomos chamar isso de contar-criar, pois a entrevista que também é ensaio fotográfico, perfaz uma só atitude, em que o contar e o criar se dão ao mesmo tempo, e onde o pesquisador-fotógrafo não é mais um curador, mas um coautor junto do colaborador.

O elemento catalizador para esse contar-criar pode ser justamente a presença de objetos biográficos que ajudem a contar a sua história de vida. Durante a apresentação destes objetos, o que já é a entrevista, poderíamos montar uma cena para o retrato. Esta é também uma forma de incluir, mais ainda, o colaborador no processo da entrevista, de maneira que este precisa ter uma participação ativa na construção da narrativa, envolvendo desde a escolha dos objetos, do relato, e da montagem do cenário.

Assim, em consonância com Barthes, podemos usar os conceitos *biografema*, *studium* e *punctum* para uni-los na entrevista-ensaio fotográfico (BARTHES, 1984, p. 46/51). Assim, se uma narrativa tradicional pode ser tomada como uma sequência de dados biográficos, o que propomos é uma sequência de *biografemas*. Tais *biografemas* emergem quando o colaborador é convidado a contar sua biografia criando uma série de fotos, em que trechos da biografia iluminam uma história, signos despertados pelos objetos. Mas esses objetos não estão ali presentes apenas para o colaborador rememorar seus momentos, estes também participam do que Barthes chamou de *studium*, ou seja, a busca do fotógrafo-pesquisador, sua intenção em criar uma narrativa, algo de certa forma frio, um nível superficial, mas estes objetos nas fotos também podem ser o *punctum*, aquilo que “fere” o espectador, e que mesmo sendo um pequeno detalhe, pode criar uma ligação com a imagem (identificação ou repulsa), com o narrador e com a narrativa.

O *punctum* nem sempre ocorre (BARTHES, 1984), mas podemos criar uma situação mais propícia para seu aparecimento, e a presença dos objetos biográficos pode ser esse fator disparador. A importância disso é propiciar uma maior identificação com a entrevista, seja do leitor/espectador, seja do pesquisador, ou ainda do colaborador, obtendo um testemunho-criação capaz de ser relevante e impactante.

Vimos então que história oral e fotografia tem proximidade, mas geralmente como áreas distintas que podem se auxiliar, em que a fotografia é um objeto biográfico dentro das entrevistas (DIETRICH, 2008), assim como muitas vezes, em uma entrevista, há uma foto como ilustração. Porém, o que propomos é tornar a fotografia o elemento estruturante da entrevista, parte da pesquisa e conseqüentemente da análise. Com isso em mente, propomos a entrevista-ensaio fotográfico, onde o colaborador retratado é convidado a trazer objetos biográficos que ajudem a contar sua história de vida, e, ao apresentar cada objeto, montando, passo a passo, o cenário para o retrato final, realiza-se o contar-criar, gerando uma narrativa visual-textual que, despertando memórias e conduzindo a fala, permeada pela presença, pelo trabalho da dupla pesquisador-colaborador, resulta em um produto relevante cientificamente, mas também capaz de tocar e sensibilizar.

Ressaltamos que, para nós, nesta pesquisa, não se trata apenas de realizar fotografias durante uma entrevista, posteriormente usando-as para ilustrar ou complementar o texto. A entrevista-ensaio fotográfico é entrevista e ensaio ao mesmo tempo: um contar-criar. O contar é também testemunhar, falar dos objetos e de sua vida, enquanto o criar é mostrar, construir o ensaio fotográfico e a narrativa. Temos então a fotografia, na qualidade de ensaio, como o elemento estruturante do contar, e o resultado, o objeto desta ação, a entrevista-ensaio, não pode ser separado em entrevista e fotos.

Uma caminhada fotográfica - produzindo palavras e imagens

Relataremos, a seguir, como foi a realização da entrevista-ensaio, a primeira do projeto, uma “aventura” rica e interessante. Escolhemos a entrevista-ensaio de Nicolle, não apenas por ser a primeira, mas por percebermos nela diversos aspectos interessantes, alguns já esperados, outros não, que podem ilustrar o que esta metodologia pode revelar.

Na data da entrevista, Nicolle, nascida no interior de São Paulo, então com 20 anos, estava no terceiro ano do curso de medicina na Unifesp.

Uma das primeiras descobertas feitas foi a potencialidade de fazer a entrevista na casa/local do colaborador, pois os objetos não selecionados da casa podem entrar na seleção, e o colaborador se sente mais a vontade, em seu domínio, fora do ambiente às vezes um pouco opressor de um local institucional. Quando chegamos ao apartamento de Nicolle, fomos recebidos com simpatia e disposição. Os objetos escolhidos estavam cuidadosamente coloca-

dos sobre o tapete da sala e a colaboradora não demonstrou pressa. Após montar os equipamentos de filmagem e gravação, nos sentamos ao redor deles, e logo pudemos começar.

Durante a entrevista, fotografamos em close os objetos, buscando mostrar gestos, momentos, fazer relações. Essas fotos foram feitas em ângulos mais fechados, eram mais próximas, intimistas. Depois de apresentado, cada objeto era colocado em um local para ir montando a cena para o retrato final, mas esse arranjo poderia ser mudado conforme o conjunto fosse se formando. No final da entrevista, após todos os objetos terem sido apresentados, fizemos o retrato final: uma foto ampla, contemplando todos os objetos e parte da sala, ou seja, o cenário completo montado cuidadosamente pelo colaborador, objeto a objeto. Na verdade, foram feitas várias fotos, testando possibilidades, as quais iam sendo mostradas para a colaboradora, que poderia optar por tentar novamente até chegarmos a um resultado satisfatório para ambos. Neste caso, a entrevistada-colaboradora gostou do resultado depois de poucas tentativas.

A sensação que tivemos durante a “entrevista-ensaio”, e aparentemente a colaboradora também, foi muito agradável, amigável e cheio de descobertas, e realmente pudemos presenciar algo que era o contar e o criar ao mesmo tempo.

O retrato revelado – análise de uma entrevista-ensaio

Vamos agora revelar o retrato, ou seja, olhar a entrevista-ensaio de Nicolle e descobrir que imagem, ou imagens, podemos encontrar, que características pessoais se fizeram notar, qual o tom da narrativa, que temas emergiram, o que a colaboradora falou do objeto da pesquisa, o LabOlhar, e como isso contribui para uma pesquisa em formação em saúde e qualidade de vida.

Posso ir então para outra coisa, gosto muito de ler e de escrever, e o que eu mais gosto acho que é poesia, eu amo poesia, de paixão, e esse aqui é meu *livro preferido, que é do Drummond*, eu sou apaixonada por ele, e esse livro eu ganhei da minha melhor amiga, há uns três anos, então também me faz lembrar dela. (Nicolle, 2017).

Figura 2 – A colaboradora e um de seus livros preferidos.



Fonte: arquivo do pesquisador. Foto: Pesquisador.

Podemos destacar que gostos e lembranças emergiram juntos, porém os gostos predominaram, como um guia para as próprias lembranças. Na foto acima, vemos um livro escolhido pelo gosto, mas que foi um presente de uma amiga, evidenciando a lembrança relacionada ao gostar, à arte e à gratidão.

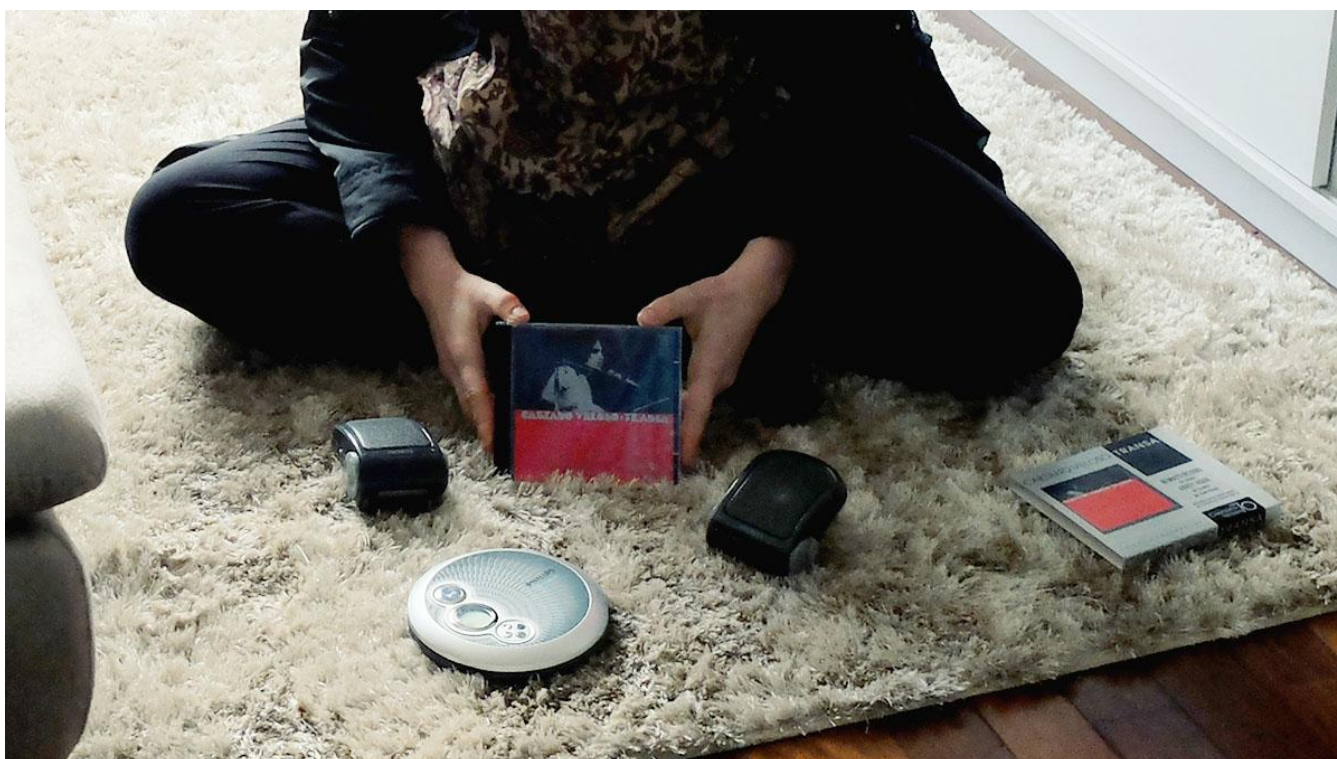
Destacamos inicialmente o elemento *gratidão*, que também é um sentimento essencial para um desenvolvimento pleno e saudável, pode ser definido como “ser consciente das coisas boas que acontecem sem considerá-las garantidas” (SEIBEL, 2015, p. 373), e é uma chave da transcendência, da capacidade de “perceber e apreciar a beleza, a excelência e/ou o bom desempenho em todos os domínios da vida, da natureza à arte, da matemática à ciência, nas experiências cotidianas” (SEIBEL, 2015, p. 373). Assim, tanto a gratidão como a capacidade de reconhecer beleza potencializam a busca por qualidade de vida.

Esse reconhecimento da beleza nos leva a outro elemento presente na narrativa, a *arte*. A arte aqui não aparece como exibicionismo ou *status*, mas como meio de fruir a vida:

Na verdade eu tenho uma listinha da vida das 10 coisas que mais amo fazer, e acho que a primeira delas é a música, ouvir música, dançar, tocar também, eu gosto muito de percussão, e eu toco um pouco de flauta transversal também. [...]. Nesse CD eu gosto muito de *Its a Long Way*, muito mesmo, mas é engra-

çado que era a que eu menos gostava, mas um dia resolvi ouvir de novo, aí não sei o que aconteceu que eu fiquei apaixonada e virou a minha música preferida, mas eu gosto de todas. (NICOLLE, 2017).

Figura 3 – A colaboradora e alguns dos seus objetos biográficos.



Fonte: arquivo do pesquisador. Foto: Pesquisador.

A maioria dos objetos apresentados por Nicolle tem relação com lembranças de amigos e parentes, o que novamente se relaciona com a gratidão, mas mostra também sua forte relação e valorização do elemento humano:

Mas vamos lá, esse é o meu CD preferido, *Transa*, do Caetano Veloso, que fez quando estava exilado em Londres, eu queria muito ele, e foi difícil encontrar, até que um dia, acho que era uma quarta-feira, eu estava indo para a aula de genética, aí quando cheguei lá em baixo, na portaria, e o moço falou que tinha uma encomenda para mim, eu não fazia a menor ideia do que era, mas parecia um CD, e minha mãe que tinha mandado de surpresa, ela sabia que eu gostava, comprou e mandou, só vi o que era quando voltei da aula. (NICOLLE, 2017).

Esse aqui é um tatuzinho que veio lá do Xingu, ganhei do André, outro amigo, um dos primeiros que fiz na faculdade. [...] E este aqui é o abridor que eu ganhei da Rita e do Farah, eles são um casal, isso veio do Peru, e são como se fossem meus pais aqui em São Paulo, sou muito amiga dos dois [...]. (NICOLLE, 2017).

Além disso, outros objetos mostraram muito de seu estilo de vida, como o capacete para andar de bicicleta, que sugere esporte e atividades ao ar livre, e o incensário, ligado à religiosidade.

Ao fim, chegamos às considerações sobre a disciplina, o LabOlhar, objeto central deste estudo.

Bom, sobre a disciplina, o LabOlhar, na época me interessou primeiro porque eu amo fotografia, e eu gosto de contemplar, nunca fui de tirar fotos, mas sempre gostei de ir em exposições [...] Eu não tinha a menor ideia de como seria, então cheguei lá, no primeiro dia, vi que era um grupo totalmente heterogêneo, com várias pessoas que eu ainda não conhecia, o que era uma oportunidade, isso foi algo extra [...] fomos aprendendo a relacionar a fotografia com a contemplação, que na verdade é aprender a viver o momento [...] O que pude perceber, acho, é que a gente começa a meditar enquanto caminha, começa a perceber o caminho, vê coisas lindas como o chão ou uma planta que se enrosca na parede, e comecei a tirar foto assim [...] desde então, toda vez que eu caminhou, eu percebo que estou mais atenta ao caminho, que eu consigo estar naquele caminho de verdade. Sempre gostei de caminhar por aí, mas parece que agora é algo muito mais rico, me sinto totalmente plena no lugar que eu estou, tenho flashes de percepção olhando as paredes, uma casa, e é uma coisa muito boa porque me sinto mais leve, calma, tira um pouco da tensão, aumenta a atenção, isso é tão positivo que, às vezes, quando estou meio triste, começo a andar distraidamente, e de repente vejo alguma coisa bela, e fico feliz só por isso, por ver algo lindo no caminho. E acho que esse olhar contemplativo virou parte de mim, mesmo quando não estou fotografando, por onde ando eu fotografo com a alma. (NICOLLE, 2017).

Na narrativa de Nicolle sobre a disciplina, percebemos a presença dos mesmos elementos de quando falou dos objetos, como gratidão (“vê coisas lindas como o chão ou uma planta que se enrosca na parede”), arte (“sempre gostei de ir em exposições”) e atividades saudáveis. Mas também destacamos o que ela fala sobre o seu olhar, que após a disciplina passou a ser um meio de relaxamento, de se sentir mais leve, e conclui dizendo: “acho que esse olhar contemplativo virou parte de mim, mesmo quando não estou fotografando, por onde ando eu fotografo com a alma”. (NICOLLE, 2017).

No retrato revelado de Nicolle, podemos traçar algumas categorias chaves: gratidão; família/amizade; espiritualidade; artes no cotidiano; olhar contemplativo como caminho de atenção. Nicolle é uma pessoa sensível, que se apoia fortemente nas experiências de família e

amizade, assim como na arte, as quais não se separam, para fazer seu próprio caminho, que envolve qualidade de vida através da busca por saúde, como andar de bicicleta, espiritualidade e autocuidado (meditação), além das “aventuras” em proveito do resgate de valores anteriores, como na busca por um videocassete para poder assistir suas antigas fitas de desenhos da Disney. Arte e meditação já estavam em seu caminho, e a disciplina foi uma oportunidade de reuni-los.

Figura 4 – Retrato final resultante da “entrevista-ensaio”.



Fonte: arquivo do pesquisador. Foto: Pesquisador.

Pudemos ainda constatar que o papel da pesquisada também como criadora possibilitou uma intensa e ativa participação e envolvimento na pesquisa. Em uma percepção ainda empírica acreditamos que esta característica tornou a relação entre pesquisador e pesquisado mais dinâmica e igualitária.

Considerações finais – fotografando com a alma

Buscamos demonstrar, neste artigo, como unimos a história oral de vida, dos objetos biográficos e do ensaio fotográfico na construção de uma entrevista-ensaio que apresenta o potencial de gerar uma narrativa mobilizadora, criando uma forte conexão entre colaborador e pesquisador, e possibilitando também uma forte identificação com o leitor, ao mesmo tempo em que contribui, do ponto de vista acadêmico e científico por trazer diversos elementos importantes para a pesquisa, incluindo a reflexão sobre procedimentos metodológicos.

Este processo foi atravessado por uma série de atos como escolher os objetos, mostrá-los, montar a cena, posar para a foto, ver a imagem, fazer novamente, configurando-se como uma experiência de presença, onde pesquisador e colaborador estão implicados num encontro que ganha profundidade pela arte de fotografar, contemplar, dizer. Esta experiência pode se inserir no conceito de Bondía como uma resistência á obsessão pela novidade tão presente nos tempos que vivemos, como essa “[...] velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (2014, p.23). Assim, parar para escutar o outro, assim como para a correria da vida universitária para escolher alguns objetos que ajudem a contar sua história de vida, pode ser uma forma de gesto de interrupção e abertura para a experiência defendido pelo autor:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2014, p.24).

Esses atos, realizados em conjunto, aproximam pesquisador e colaborador em um contar-criar, realizando uma obra que é de ambos, que é pesquisa por testemunhar e contar, mas também é arte por criar e mostrar.

Mesmo que uma forma simples de criação artística, o ensaio se tornou uma forma profunda de troca e conexão, aproximando arte e ciência.

Esta experiência da entrevista-ensaio com Nicolle evidencia o surgimento de uma ampla gama de temas emergentes, tanto relacionados àquele da pesquisa como outros inesperados, e por isso mesmo extremamente valiosos. Demonstra também a potencialidade de uma narrativa que, ao permitir trazer *biografemas* do passado, atualiza o presente e potencializa o surgimento de uma narrativa repleta de traços, *biografemas* e *punctuns*, detalhes que podem passar despercebidos ou causar identificação.

Para concluir, lembramos que Walter Benjamin alerta para a importância do narrador e da potência criativa da narrativa, e para o perigo de perdermos essa capacidade, explicando que “a alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar” (BENJAMIN, 1994, p. 220).

A narrativa é de relevância crucial na educação, sendo um meio de ampliação da abertura, da capacidade de leitura e análise da realidade. (ZAN, 2010). Para Benjamin narrar é uma arte, e sobre o narrador, “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.” (1994, p. 221).

Acreditamos que esta proposta, na qual nossa pesquisa investe, responde a Benjamin a partir de uma nova forma de unir entrevista e fotografia, ao colocar “alma, olho e mão” para trabalhar na mesma criação, potencializando a capacidade narrativa, trazendo o narrar de volta ao campo artesanal, do feito com a mão, que é produção de sabedoria, abrindo, assim, uma grande janela para a experiência humana. Disse ainda Benjamin que “na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.” (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Talvez, quando Nicolle tenha dito que fotografa com a alma, mesmo sem saber, tenha pressentido que um olhar dedicado e atento, que ela chama de olhar da alma, é uma forma profunda de conexão com o momento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques; BARBOSA, Xênia de Castro. Performance e objeto biográfico: questões para a História Oral de vida. **Oralidade, Revista de História Oral**, São Paulo, n. 2, p. 101-109, jul./dez. 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BARRETO, Valéria P. de C.; FERREIRA, Simone C. M.; CORREIA, Dayse Mary da S. Estresse ocupacional na enfermagem e mindfulness: o que há de novo? **Revista Enfermagem Atual InDerme**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 18, 8 abr. 2019. Disponível em <<https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/346>>. Acesso em: 27 fev. 2020.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BITTAR, Yuri; SOUSA, Maria Sharmila Alina de; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 17, n. 44, p. 171-186, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000100014&lng=en&nr_m=iso>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação** Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. P. 20-28. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2014.
- CHARON, Rita; SHIP, Amy; ASCH, Steven M.. Arts, Humanities, Medicine, and Discovery: a Creative Callings. **Journal of General Internal Medicine**, volume 35, pg. 407–408, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11606-019-05513-6>> Acesso em: 27 fev. 2020.
- DEMARZO, Marcelo; GARCIA-CAMPAYO, Javier. **Mindfulness Aplicado à Saúde (Mindfulness for Health)**. PROMEF - Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade (SBMFC), Ciclo 12, v. 1. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2017. p. 125-64. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317225586_Mindfulness_Aplicado_a_Saude_Mindfulness_for_Health>. Acesso em: 27 fev. 2020.
- DIETRICH, Ana Maria. História Oral e Fotografia: desafios metodológicos contemporâneos, **Revista de História Contemporânea**, n. 1, [s.p], nov-abr-2008. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n1/pdf/ho_fotografia.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. O conceito de Ensaio Fotográfico. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4. p. 161-176, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1511>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

GALLIAN, Dante Marcello Claramonte, PONDÉ, Luiz Felipe; RUIZ, Rafael. Humanização, humanismos e humanidades: problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde. **Revista Internacional de Humanidades Médicas**, v. 1, n. 1, p. 5-15, 2012.

KARR, Andy; WOOD, Michael. **The Practice of Contemplative Photography: Seeing the World with Fresh Eyes**. Boston: Shambhala Pub., Boston, 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. rev. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

MORAES, Suely de Oliveira. **Experiências de pescadores artesanais de Piratininga: história oral de vida**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) - Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2019. Disponível em: <<http://tede.unigranrio.edu.br/handle/tede/351>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

NOBRE, Itamar de Moraes. A fotografia como narrativa visual. **Revista Inter-Legere**, n. 5, p. 66-82, 3 dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4572/3735>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

NOGUEIRA, Alane da Silva Costa; SILVA, Priscila Teixeira da. Memória e história de vida de três mulheres e o papel socio-histórico na construção da comunidade tabua em Guanambiba. **Revista Educação e Ciências Sociais**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/5550>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SEAWRIGHT, Leandro. Etno-história-oral: a sobrevivência de uma indígena Kaingang à época da ditadura militar brasileira. religião e protagonismo. **Fronteiras**, [S.l.], v. 19, n. 34, p. 280-301, dez. 2017. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/7601/4188>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SEIBEL, Bruna Larissa; DESOUSA, Diogo; KOLLER, Sílvia Helena. Adaptação Brasileira e Estrutura Fatorial da Escala 240-item VIA Inventory of Strengths. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p. 371-383, dec. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000300371&lng=en&nr m=iso>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Trad. de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. Fotografia, currículo e cotidiano escolar. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 149-161, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000100010&lng=pt&nr m=iso>. Acesso em: 04 fev. 2020.

Fontes orais:

Nicolle. [20]. [Julho de 2017]. São Paulo, SP. 4 jul. 2017.

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão